

Um olhar sobre “As Abelhas”, de Vinícius de Moraes, visando à recepção de crianças

Marília De Almeida E Bueno – Universidade Federal De Campina Grande -
buenomarilia@hotmail.com

José Hélder Pinheiro Alves – Universidade Federal De Campina Grande -
helderpin@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Ler poesias com crianças constitui-se ainda um desafio prazeroso para o educador. A criança experimenta na primeira década de vida uma fase sensorial em que o concreto é o caminho para a compreensão, para construção do conhecimento, para o relacionamento com o mundo. Assim sendo, a experiência de leitura de poesia como o quer nosso ensino na sociedade ocidental contemporânea, centrada no individual e passivo, mais se distancia da criança do que lhe fala. Nosso trabalho propõe o abandono momentâneo da carteira, a libertação do corpo dos alunos para que a poesia possa se relacionar com eles.

Comungamos da concepção de poesia lírica como recordação proposta por Staiger (1975) segundo a qual a lírica seria capaz de nos transportar sensorialmente a um lugar no passado, trazer um momento, um lugar, uma vivência de volta ao coração. Compartilhamos ainda a compreensão de lírica como aquela capaz de nos levar de volta à infância, um tempo mágico, desnudo, inocente e limpo do que as ideologias e as demais cristalizações nos fazem com os anos (BOSI, 2000). Alicerçados nesses dois pilares centrais, entendemos que a leitura de poesia com crianças ocupa um lugar privilegiado no desenvolvimento da sensibilidade e na emancipação do homem social.

Para chegar a essa criança no final da sua primeira década de vida, é necessário conhecer-lhe a origem, os gostos, as afinidades, como se relaciona com os outros. Nessa exploração, caminhos já foram trilhados. Podemos observar os estudos de Hélder Pinheiro que nos legaram dois livros de poesia tematizando bichos voltados para o público infantil (PINHEIRO, 2004; 2011), por entender que os animais falam mais intimamente a essa audiência e têm papel importante no imaginário das crianças.

Ainda erguidos sobre ombros de gigantes, encontramos uma sugestão de poema que nos encantou de modo especial. Partindo de um outro trabalho de Alves (2011), junto a mais duas pesquisadoras, encontramos a sugestão do trabalho com o poema “As abelhas”, de Vinícius de Moraes, por todos os motivos elencados e ainda por permitir um caminho sensorio-motor ao íntimo da criança.

Observamos uma turma de quarto ano do Ensino Fundamental e percebemos que os alunos tinham no conceito de poesia e poema categorias técnicas de identificação de elementos constitutivos do texto. Para ser um poema, o texto deveria ser organizados em versos e estrofes e conter rimas. Na ocasião de leitura espontânea de livros de poesia, colhemos falas do tipo “tia, achei poesia aqui, olha: ‘jardim’ rima com ‘jasmin’”. Buscamos, portanto, aqui, perceber a recepção corporal dos alunos aos poemas e contribuir, também, com a ampliação do conceito de poema/poesia.

1 Entrando no jardim: as abelhas

As abelhas

- 1 A abelha-mestra
- 2 E as abelhinhas
- 3 Estão todas prontinhas
- 4 Para ir para a festa
- 5 Num zune-que-zune
- 6 Lá vão pro jardim
- 7 Brincar com a cravina
- 8 Valsar com o jasmim
- 9 Da rosa pro cravo
- 10 Do cravo pra rosa
- 11 Da rosa pro favo
- 12 E de volta pra rosa

- 13 Venham ver como dão mel
- 14 As abelhas do céu
- 15 Venham ver como dão mel
- 16 As abelhas do céu

- 17 A abelha-rainha
- 18 Está sempre cansada
- 19 Engorda a pancinha
- 20 E não faz mais nada
- 21 Num zune-que-zune
- 22 Lá vão pro jardim
- 23 Brincar com a cravina
- 24 Valsar com o jasmim
- 25 Da rosa pro cravo
- 26 Do cravo pra rosa
- 27 Da rosa pro favo
- 28 E de volta pra rosa

- 29 Venham ver como dão mel
- 30 As abelhas do céu
- 31 Venham ver como dão mel
- 32 As abelhas do céu

Publicado em coletânea que envolve variados poemas tematizando animais sob ótica lúdica e muito imaginativa (MORAES, 2004), o poema já foi musicado em 1980 com Toquinho nas vozes de medalhões da música popular brasileira, Moraes Moreira dá voz a essa faixa, e integra o imaginário musical de várias gerações. Vem a nós, no entanto, inicialmente sem música, para que demos luz à sua materialidade linguística.

Após reiteradas experimentações com a leitura vocalizada do poema, salta aos ouvidos o movimento, linguisticamente marcado. Os verbos de movimento, *ir* (versos 4, 6, 13, 15, 22, 29 e 31), *brincar* (versos 7 e 23), *valsar* (versos 8 e 24), o advérbio de lugar *lá* (versos 6 e 22) e as preposições de deslocamento (*de...pro*, *de volta*, versos 9, 10, 11, 12, 25, 26, 27 e 28) demandam ação. Assim como é inimaginável um enxame estático, são imaginárias crianças estáticas e mais ainda, um poema estático. Sossegá-los seria negar sua

natureza dinâmica, inquieta, exploradora. Dessa materialidade, chegamos a uma representação do que defendemos, a essência viva e pulsante do poema e da criança. Essência que deve uni-las e não o contrário.

O poema desenha um vídeo do comportamento das abelhas transfigurado pelas lentes imaginativas da criança. São citadas as funções hierárquicas que conhecemos na organização de uma colmeia, a saber *abelha-mestra*, *abelhinhas*, *abelha-rainha* (versos 1, 2 e 17, respectivamente), mas subvertidas ao serem envolvidas numa *feira* (verso 4), fora da organização mecânica e rígida que também nos é familiar no estudo das abelhas. A resignificação das funções pela união na festa é cara ao mundo infantil que põe em comunhão os diferentes, os opostos, os distantes, em jogos coletivos, em momentos de diversão. Os diminutivos *abelhinhas* e *prontinhas* (versos 2 e 3, respectivamente), além de demonstrarem afinidade, aproximam as abelhas da criança, para a qual o mundo é repleto de miniaturas, suas cadeiras são menores, seu tamanho físico e muitos dos objetos com os quais convivem. Vemos, então, uma cena campestre, um jardim em festa, agitado e envolvente.

Nesse movimento, não podemos esquecer o som, aquele que é indispensável às abelhas e às crianças, e, não menos, à poesia. O ponto alto do som no poema é a onomatopeia dos versos 5 e 21, mas há uma distribuição de sons sibilantes, principalmente nas primeira e terceira estrofes, vejamos a primeira

- 1 A abelha-mestra
- 2 E as abelhinhas
- 3 Estão todas prontinhas
- 4 Para ir para a festa
- 5 Num zune-que-zune
- 6 Lá vão pro jardim
- 7 Brincar com a cravina
- 8 Valsar com o jasmim
- 9 Da rosa pro cravo
- 10 Do cravo pra rosa
- 11 Da rosa pro favo
- 12 E de volta pra rosa

Ainda para marcar a sonoridade campestre do poema, observemos que as rimas ora são cruzadas, ora interpoladas, sugerindo que o som se mistura com movimento de cruzamento, simulando passos de dança, brincadeira, entre as abelhas-crianças. A metrificação é cara à canção por predominarem as redondilhas menores, de fácil memorização e que contribuem para a agilidade da cena construída.

Essas abelhas não são quaisquer abelhas, contudo, mas *abelhas do céu* (versos 14, 16, 30 e 32). Podemos entender que são abelhas dispensadas da labuta diária pelas quais são famosas, ou ainda fazer uma alusão intertextual à fábula popular brasileira “Festa no céu” (CÂMARA CASCUDO, 1954). Nessa fábula, os animais participam de uma festa no céu, da qual só podem participar os animais voadores.

Em clara oposição às abelhas que brincam, valsam e vão de um para outro lado se cruzando, vemos uma figura estática, a *abelha-rainha* (verso 17). Essa, ao invés de se juntar às colegas que se divertem, está sempre cansada comendo. Podemos fazer uma alusão aqui ao olhar da criança para o adulto. Adulto esse que recusa brincadeiras, muitas vezes, sob o argumento do cansaço se contrapondo à energia quase infinda que toma a infância.

Há ainda uma outra voz no poema. A voz que convida o leitor-interlocutor a ver a festa das abelhas do céu (versos 13-16 e 29-32). Voz essa que pode ser infantil, por emitir o entusiasmo das crianças diante de uma folia no jardim. Esse convite se separa um pouco da festa, compondo estrofes curtas e repetidas, refrão. O convite é explícito no refrão, como se elas chamassem outras crianças e os adultos, que não perceberam, na cena da festa em si o convite materializado. A folia coletiva por si já é um convite à imaginação e ao movimento da criança. Convite esse, vocalizado no corpo do poema, evoca a festa, ou, nas palavras de Bosi (2000, p.71), “[a voz] age quase sempre à distância ou na ausência do objeto. O seu ser, que não se vê, não move diretamente a coisa, substitui-a, evoca-a, faz que ela dance com outras coisas, leva-a rápido da esfera da imagem para a do conceito e a traz de volta, no ritmo e na melodia, ao estado de pura sensação”, assim como nosso poema.

2 Trazendo as abelhas para a sala de aula: nossa experiência

2.1 Nossas escolhas metodológicas

Reiterando nosso marco teórico já detalhado anteriormente, optamos pela leitura vocalizada como porta de entrada para percepção sensorial do poema e pela performance como instrumento de exteriorização da recepção do aluno. Em uma escola pública municipal urbana da cidade de Campina Grande, selecionamos uma turma de quarto ano com vinte alunos, dos quais treze são meninas. “As abelhas” foi o terceiro texto que lemos

com eles e optamos por um momento inicial de levantamento de conhecimento prévio sobre o comportamento das abelhas. Usamos dois momentos de trinta minutos cada.

2.2 A leitura

Discutimos sobre as abelhas e como elas viviam, se alimentavam, se reproduziam e onde moravam. Nossos alunos já traziam muitas informações, as quais foram complementadas por um texto breve que lemos juntos.

Passado esse momento inicial, eles receberam o poema-canção impresso e foram orientados a fazer uma primeira leitura individual e silenciosa. Depois, alguns alunos voluntariamente leram o texto em voz alta. Cada aluno leu uma estrofe. A professora propôs depois uma segunda leitura vocalizada. Seguiu-se uma conversa sobre o comportamento das abelhas.

Os alunos apontaram para uma diferença entre o comportamento concreto das abelhas reais e o das abelhas do poema. Havia a realização de uma festa no texto. Eles destacaram a presença da valsa como a dança para esta festa. Perguntados sobre o que seria essa dança, eles disseram ser dançada por um casal, mas desconheciam os passos característicos dela. Eles estranharam o par formado por um inseto e uma flor. Depois de explorar possibilidades, os alunos concluíram que a dança seria uma analogia para o processo de alimentação e colheita de pólen e néctar das flores pelas abelhas. Houve ainda destaque para o comportamento sedentário da Abelha-rainha.

No segundo momento, no dia seguinte, continuamos nossa conversa, centrando agora nos elementos que remetiam à dança, ao movimento e à mimese do comportamento animal das abelhas. Eles perceberam claramente o movimento que destacamos nas nossas considerações analíticas no ponto 1 deste trabalho. Propomos então mais uma leitura oral, vocalizada por eles e, em seguida, uma performance. Esclareçamos aqui que, por dança, não entendemos aquela coreografada e ensaiada para culminar num espetáculo sincrônico, mas aquela percepção e movimentação rítmica que se performatiza pela audição de melodia, mas que se reserva a liberdade de gestos.

No momento de performance, promovido em sala, ao som da leitura da professora, os meninos foram resistentes à participação ativa. Eles, no entanto, foram sensíveis à ambientação da cena e se dispuseram a reproduzir vocalmente o som que, ao seu ver, predominaria em uma festa protagonizada por abelhas. Ao som do “zune-que-zune”, as

meninas se dispuseram espalhadas pela sala representando abelhas em seus diversos papéis e as flores nomeadas no texto. Com exceção da Abelha-rainha, os demais ganharam movimentos característicos. O movimento ficou frenético quando tinham que ir e vir de uma para outra colega. Percebemos nas meninas-abelhas a euforia intrínseca ao ser infantil em movimento.

3 Considerações sobre a recepção

Erigimos para este trabalho dupla sustentação à nossa intervenção no que tange à recepção. Parece-nos pertinente lançar mão do arcabouço teórico oferecido por Jauss (1994) em suas teses em defesa da “estética da recepção”, principalmente no que tange à centralidade concedida ao papel do leitor no processo de leitura literária. Papel esse considerado secundário ou até irrelevante aos olhos de outras teorias. É nessa centralidade ativa, transformadora, avaliadora que acreditamos ao propor caminhos para tornar a leitura de poesia para crianças cada vez mais íntima. Nosso centro aqui é a criança, portanto entender qual o horizonte de expectativa do nosso leitor também é fundamental. Para essas crianças, optamos por uma recepção como performance, como o concebe Zumthor (2007).

Zumthor se coloca como incansável nostálgico da voz humana, de uma vocalidade perdida em tempos remotos. Ele defende ainda, em resposta a um questionário da revista italiana *Linea d’Ombra* em 1986 que a voz mantém “a corporeidade, o peso, o calor, o volume real do corpo, do qual a voz é apenas expansão” (2007, p.16). Assim sendo, nada nos parece mais natural que entender a leitura da poesia pela voz e pelo corpo, ou pelo corpo inicialmente.

Quando falamos em performance, nos referimos a um “acontecimento oral e gestual” (idem, p.38), no nosso contexto, em reação a um poema. Nossos leitores reagiram ao zunir, correr entre flores e balançar como flores.

O poema que escolhemos suscita essa recepção, no que mimetiza uma dança, por todos os recursos que analisamos. Os cruzamentos e interpolações, os verbos de ação, a sonoridade e, posteriormente, um momento de contato com sua versão musicada, cremos, deram às crianças uma experiência estética significativa e um convite ao mundo multi-sensorial da leitura poética. A vivência da poesia se tornou física, sensível não apenas aos ouvidos, mas à boca, aos braços e pernas.

Tendo em Zumthor nosso primeiro pé, um apoio mais, que nos iluminará caminhos metodológicos. A professora Eliana Kefalás (2012) desenvolve um trabalho com alunos, professores em formação e maiores curiosos, há mais de uma década e encontrou meios de fruir a leitura literária que em muito nos pode auxiliar. Ela usa o princípio de que a leitura literária não é linear, ao contrário, é uma *travessia*, com obstáculos, idas e vindas e, muito próxima a Jauss, acredita que o leitor não pode passar por essa travessia ileso. Nossas crianças viveram o jardim, se incluíram na festa das abelhas, colheram pólen e valsaram entre flores. Para elas, o poema saiu do papel para imprimir-se em suas peles, seus membros.

Não passariam ilesas nossas crianças ao desbravarem um poema como o que selecionamos e lhes dar vida e corpo e voz, fundindo-se a ele num *eu-no-outro lírico* (Staiger, 1975). A nós, como à professora Eliana, “interessa o contato, a carne da palavra no corpo do leitor, a carne do leitor no corpo da palavra” (2012, p. 44), encontro que promovemos quando leram em voz alta, zuniram e dançaram entre os colegas e flores no jardim.

Acreditamos ser possível propor uma experiência que se aproxima com o que defendemos para a literatura, já que “por ser emancipatória, a literatura pode colaborar para que leitor se libere de seus prejuízos e limitações” (ZILBERMAN, 2008). Por meia hora, as paredes da sala de aula se foram abaixo para dar lugar ao jardim, no qual se fez uma festa, para a qual todos foram convidados e deixaram de ser alunos para serem elementos ativos desse texto que, naquele momento, deixou de ser papel, abandonou suas duas dimensões e passou a ser vento, respiração, voz, som, velocidade, corrida, dança.

4 Considerações finais

Nossa bandeira é a da aproximação e, quando possível, da fusão entre sujeito e poesia. A notória reclusão e perda de espaço a que foi submetida a poesia lírica na contemporaneidade (BOSI, 2000) não pode nos deixar esquecer do caráter emancipatório da Literatura. Trazer para si, senti-la, vivê-la, dançá-la é libertador e nessa libertação se motiva nossa proposta.

Pensada assim, a leitura de poesia através da dança corrobora e desempenha papel ativo no alcance dos objetivos para o Ensino Fundamental do primeiro ao quinto ano, principalmente nos seguintes:

- Desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de

inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;

- Utilizar as diferentes linguagens verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação. (MEC, 1997, p.5)

Por esses caminhos e com esses motivos é que lançamos sugestões e pensamos caminhos juntos para a formação de leitores de poesia na infância.

REFERÊNCIAS

ALVES, José Hélder Pinheiro; SOUZA, Renata Junqueira; GARCIA, Yara Maria. Lendo e brincando com sextilhas e outros versos. In. SOUZA, Renata Junqueira; FEBA, Berta Lúcia. *Leitura literária na escola, reflexões e propostas na perspectiva do letramento*. Campinas, SP: Mercado das letras, 2011.

AMARILHA, Marly; FREITAS, A.C. *A educação para a sensibilidade: a poesia na escola*. 2013 (Apresentação de trabalho, conferência ou palestra)

BOSI, Alfredo. *Estudos literários*. São Paulo: Ática, 1988.

_____. O ser e o tempo da poesia. 8 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Contos populares do Brasil*. Vol. 75. São Paulo: Livraria José Olympio., 1954.

GARAUDY, Roger. *Dançar a vida*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

JAUSS, Hans Robert. A história da literatura como provocação à teoria literária. Série Temas. Vol 36. São Paulo: Ática, 1994.

KEFALÁS, Eliana. *Corpo a corpo com o texto na formação do leitor literário*. Campinas, SP: Autores associados, 2012.

LAVATTELLY, C. S. e STENDLER, F. *Reading in child behavior and development*. New York: Hartcourt Brace Janovich, 1972. (traduzido por Paulo Francisco Slomp)

MORAES, Vinicius de. *Arca de Noé*. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2004.

____ e TOQUINHO. *Arca de Noé*. São Paulo: Sony, 1980.

Nacionais, Parâmetros Curriculares. *Língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

PAULA, Maria José Angeli de. *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária de Hans Robert Jauss*: Editora Atica - serie Temas, volume 36, São Paulo, 1994. 1994. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/viewFile/5358/4760>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

PINHEIRO, J. Hélder. Teoria da Literatura, crítica literária e ensino. In. ____;
NÓBREGA, Marta (Org.). *Literatura da crítica à sala de aula*. Campina Grande:
Bagagem, 2006.

____. *Pássaros e bichos na voz de poetas populares*. Ilustração de Antônio Lucena.
Campina Grande: Bagagem, 2004.

____. *Outros pássaros e bichos na voz de poetas populares*. Ilustração de Antônio Lucena.
Campina Grande: Bagagem, 2011.

SILVEIRA, Diná Menezes da. *Leitura de poesia: uma experiência na alfabetização*. 2007.
108f. Dissertação (Mestrado em Literatura e ensino) – Universidade Federal de Campina
Grande, Paraíba. 2007

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais de poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro,
1975.

ZILBERMAN, Regina. *Recepção e leitura no horizonte da literatura*. 2008. Disponível
em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-106X2008000100006&script=sci_arttext. Acesso em: 19 jan. 2014.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção e leitura*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.